DE DORES & *sons*

NATALY MORAES

DE DORES & *sons*

NATALY MORAES

Prefácio

O Amor talvez seja a mais universal das temáticas. Desde os rabiscos primitivos dos homens - e mulheres - das cavernas, passando pelas pinturas rupestres, hieroglifos, escritas cuneiformes, prensas de Gutemberg, alfarrábios, livros e, mais recentemente, e-books.

Podem procurar: o Amor lá está, em todos os escritos de todas as épocas. Como matéria-prima, motivação, álibi, razão primeira e última, o Alfa e o Ômega.

O Amor e a falta dele.

A questão é: como abordar com originalidade tal assunto, já que praticamente tudo já foi pensado, dito e escrito sobre as estrepolias de Cupido?

Talvez a questão seja justamente essa: O Amor não requer "originalidade" posto que a experiência amorosa é sempre pessoal e intransferível.

Esse é o ponto de partida de Nataly Moraes para seu despretensioso – e por isso mesmo original e interessante – passeio pelas reentrâncias e saliências da vida, da memória, do passado e da imaginação, levando o Amor como uma espécie de caduceu, passaporte e salvo-conduto.

Tolstói disse certa vez: "fale de sua aldeia e estará falando do mundo."

Nataly escreve sobre a aldeia do seu coração com carinho, habilidade e, sobretudo, propriedade. Vai nos envolvendo com seu sortilégio de detalhes, aromas, cores e sabores.

Quando nos damos conta, lá está ele diante de nós: o pequeno-grande mundo.

Dela, nosso, de todos nós.

Marcos Bredas

Agradecimentos

Dores e sons está em sintonia com sua própria tese. Foi um grande trabalho coletivo. Como sempre acontece. Inspirei-me na minha essência. Como de hábito persuadir meus amigos a criticar várias versões do original. Felizmente, eles concordam, e o resultado foi um livro muito melhor. Sou grata a Marcos Breda por ter podido utilizar seu “toque mágico no prefácio”.

A editora sextante aos demais integrantes da sua equipe.

Ao Matheus Fac, meu agente, ele é perspicaz, ponderado, encorajador e sábio. Obrigada por tudo o que tem feito por mim, te amo.

Sou grata, acima de tudo aos meus pais, Aécio e Sônia.

Este livro sobre o sentido do trabalho e amor, e foi com meu pai que aprendi que o trabalho pode ser significativo. Tudo o que ele faz é com alegria, determinação e entusiasmo. E essa é uma das mais preciosas dádivas que meu pai pode legar ao filho. Minha mãe, por sua vez, ensinou-me a expressar. Com ela aprendi que existe beleza em dizer algo com clareza e simplicidade. Ela leu cada palavra que está nestas páginas e tentou me manter nesse padrão. Minha cachorrinha Mel, a quem este livro é dedicado, a Ray Moraes a dádiva da oportunidade e amor. Caio Sanches, Gilmar com todo amor Nat.

Sumário

1. Meu derradeiro gesto
2. (Des)construa o seu sonho
3. Vida de de fases
4. Não diminua o que você está construindo hoje
5. O que há de certo comigo?
6. Mel: movida a luz
7. Não somos mais os mesmos
8. Mudei
9. Continuou indo
10. Em busca de sentido
11. Tudo continua igual mas diferente
12. Impulso
13. Devagar e sempre
14. Chegar lá
15. A vida não é linear (Agosto)
16. O expressar - olhando pra si
17. A vida não para, cabe a gente acompanhar
18. Planejar é deixar Fluir
19. Qual é a válvula de escape
20. O que a planta da minha sala soube me ensinar

1. Meu derradeiro Gesto

> Uma música para salvar

Comecei a assistir a temporada nova de Stranger Things. Minha primeira surpresa foi: como essas crianças cresceram! Sério, é de se admirar – até porque isso é sinal que, percebendo ou não, eu também envelheci nesse tempo, há! A segunda surpresa é como a série amadureceu em um nível assustador! A palavra é realmente essa. Cenas mais fortes e densas deram lugar para cenas inocentes, mas que ainda sustentam o ar alegre que aquela turma tem.

Confesso que eu sou do tipo cagona para filmes e séries de susto, mas continuei dando chance pela turma que me deixou com saudades nesse hiato entre as temporadas. Mas, gente, 1 hora e 20 minutos por episódio, tava pesando minhas pálpebras cansadas. Insisti. No episódio em que eu estava para desistir e deixar meu marido livre para assistir sem me esperar... aconteceu. O melhor episódio.

Não vou dar spoilers, prometo.

Mas, o drama começou a girar em torno de um problema, uma circunstância em que, alguns personagens estavam vivendo. Sabe quando você se enfia naquelas situações que te assombram e que você não sabe como sair? que você não vê escapatória e parece que quanto mais tenta fugir mais aquilo que persegue e te engole? então. Aquilo começou a me engolir junto e a vontade era entrar dentro da tela para ajudar.

Até que na beira do sofrimento dos personagens, uma frase os ajudou:
-a gente acredita em muitos estudos que indicam a música como auxiliadora para aquietar mentes perturbadas.

Na hora, aquela frase mexeu muito comigo. Claro. Estava sentada ao lado do meu professor de canto e que é músico, tenho dois irmãos que são músicos e eu cresci em uma casa com um rádio que vivia ligado com minha mãe ou minha avó cantarolando pra lá e pra cá. A música sempre esteve muito presente na minha vida. E eu fiz questão de manter essa chama viva.

Em um determinado momento, uma personagem tenta escapar daquele problema. Daquela circunstância em que a envolve, aflige e que dentro de sí ela até pensa que deve passar por isso. Mas, quando a sua música preferida toca, ela consegue ver luz. Literalmente. Sua mente consegue abrir um espaço para que ela veja com clareza o que está vivendo. Sua mente abre um caminho novo, uma ideia nova, uma esperança de dias melhores e céu azul. Sua mente a fortalece da sua própria história, das suas lembranças mais potentes e ela consegue forças para sair daquela assombração.

A música a transporta para o melhor que mora dentro dela mesma.

Essa cena me fez lembrar de tantas situações da vida em que uma música me salvou. Todas as vezes em que me sinto saudosa sobre minha família, eu canto um hino do cantor cristão que a minha vó sempre cantava. Mesmo não tendo religião, aquela música me transporta para os braços dela. Sempre que eu preciso de uma dose de liberdade em alguma situação eu canto uma música do Elton John que tocou em um filme que me impulsionou a mudar o rumo da minha carreira. Sempre que eu preciso sorrir sem fazer esforços, eu canto uma música dos Beatles que enche meu coração de esperança.

Eu poderia citar um infinidade de músicas para uma infinidade de sentimentos. Mas, eu só queria te provocar a começar a pensar na playlist da sua vida. Na música que toca dentro de você quando você mais precisa de uma dose de esperança. Pois vamos combinar, “são tempos difíceis para os sonhadores”. Mas, não podemos parar de sonhar. Não podemos parar agora de tentar.

Muitas vezes a circunstância não vai mudar. Nós quem precisamos mudar nossa fita de lado, nós quem precisamos trocar o disco riscado ou sintonizar nossa rádio em outra estação. A música pode nos conduzir. A música certa pode nos levar a pensar diferente ou a salvar um dia que começou cagado. Não para negar os dias tristes, mas para nos fazer lembrar de que não merecemos viver na tristeza e de que é nosso direito sermos felizes por completo e como somos.

Então, chega de ler esse texto e põe para escutar essa música que, eu sei, já começou a tocar mentalmente dentro de você enquanto seus olhos passeavam por essas palavras.

A trilha sonora da sua vida, é sua. Capriche

2. (Des)construa o seu sonho

Eu sempre pensei na vida como uma construção. Talvez por ter crescido em uma casa que passou uma reforma sem fim, essa foi a minha maneira de lidar: criando analogias bonitas que se sobressaíssem ao mal estar de tanto pó e bagunça.

Acordar ao som de uma britadeira ao lado da janela, marretada quebrando paredes e uma serra no telhado, sempre foi o meu normal. Pode parecer irritante, mas pense que eu era nova. Deveria ter uns 8 anos. Então, não me preocupava com muita coisa além de ver a vida passar. E foi vendo a vida passar em constantes mudanças que eu percebia: todo dia, com trabalho, pouco a pouco, a casa ia ganhando forma. Demorava, mas ganhava forma de casa.

Eu lembro que cheguei a apelidar os pedreiros. Eles me chamavam de tampinha e eu os apelidei de Alface e Macarrão. Não sei dizer o porquê, infelizmente. Mas, me lembro bem que, todos os dias, eu me juntava a eles um pouquinho para ouvir as musicas que cantavam, as conversas e tirar um pouco de onda com as manias de cada um.

Todos os dias Alface e Macarrão estavam ali. Fazia chuva ou sol. Eu achava o máximo como nada os impedia de fazer aquilo que era preciso. Subiam escadas que eles mesmos montavam com os restos de madeira, escalavam o muro com a maior facilidade e ficavam imitando super heróis em cima do telhado. Eu olhava e pensava que nada, nada mesmo, podia parar aqueles dois malucos.

Lembro uma vez em que eles precisavam fazer a fundação da construção. Só que ainda tinha a casa. Eu lembro de observar a conversa, sem entender muita coisa, mas o que me chamou atenção foi ver eles estudando o projeto. A casa que seria erguida estava ali no papel, a casa que seria demolida estava na frente deles. Eles sabiam onde queriam chegar e, para alcançar esse resultado, estavam estavam fazendo um caminho ao contrário. Seguindo um plano de trás para frente: prevendo erros, imaginando problemas, se preparando para etapas que vislumbravam chegar lá na frente.

A reforma na casa dos meus pais ainda continua. Hoje com menos quebra-quebra, mas ainda é possível ver muitas paredes no reboco e chão só no concreto. Graças a todo esse tempo vivendo em reforma, eu sinto um arrepio na espinho se penso em construir. Entretanto, também sinto um grande prazer por ter entendido muito cedo a diferença entre casa e lar e, que, apesar da nossa casa ainda não ter um telhado pronto, nunca me faltou um lar.

Foi crescendo em um ambiente em constante mudança que eu pude perceber que a vida é uma eterna obra. Mas foi vivendo os meus quase 30 anos que pude entender que, tão bom quanto construir é permitir se desconstruir pelo caminho.